

Congresso está na mão dos superfuncionários

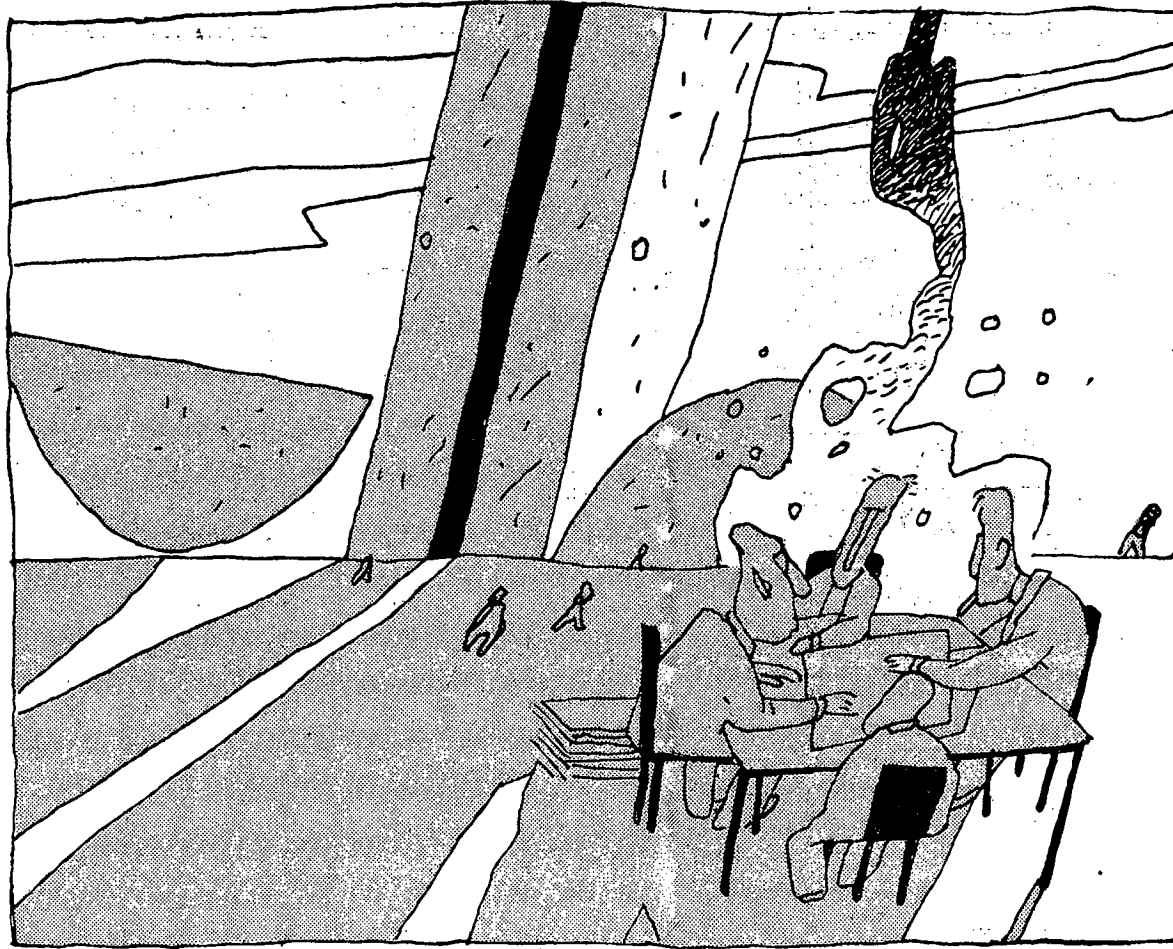
■ Com uma estrutura gigantesca, Câmara e Senado favorecem o surgimento de servidores com mais poder que os parlamentares

RICARDO MIRANDA

BRASÍLIA — Emperrada desde o início da CPI do Orçamento, a revisão constitucional para funcionar depende de um homem sem mandato. Em uma pasta sobre a mesa, Adelmar Silveira Sabino, diretor-geral da Câmara, guarda uma lista de pedidos de deputados, requisitando funcionários, salas e móveis para que o Congresso Revisor tome forma fora do papel. Na semana passada, para atender ao deputado e relator Nelson Jobim (PMDB-RS), Sabino desalojou uma diretoria e providenciou cadeiras, mesas, fax, xerox, computadores e técnicos para o parlamentar. "Quem executa as coisas sou eu, o que por aqui significa poder", conta Sabino. Ele é um dos superfuncionários do Congresso que — como José Carlos Alves dos Santos fazia no orçamento — mandam na administração, na vida dos parlamentares e no trabalho legislativo.

Sabino cuida dos apartamentos funcionais da casa, organiza a distribuição dos gabinetes, controla toda a lotação de funcionários, abre contas bancárias para deputados, controla os gastos com passagens aéreas e correio, e administra um controverso sistema de adiantamento salarial a deputados e funcionários, sem juros e correção monetária.

Cada licitação, cada concurso, cada detalhe do orçamento da Câmara — este ano de mais de



meio bilhão de dólares — passa por ele. "Não se pode exigir de um deputado que cuide das goteiras de um gabinete", argumenta Sabino, que à custa de amizades influentes e de um profundo conhecimento da casa, sobrevive no posto mais alto da carreira funcional da Câmara desde 1982.

"Apenas o bom senso impede uma pessoa de usar o cargo para fazer tráfico de influência", aponta Mozart Vianna de Paiva, secre-

tário-geral da Mesa da Câmara. "Tomo decisões que dependem de conhecer o regimento da casa, o que poucos conhecem. Uma pessoa desonesta num cargo desses teria facilidade de enrolar uma bancada numa votação", avalia Mozart, braço direito do presidente, deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE), durante as sessões da casa.

Com uma estrutura gigantesca e centralizada, o Congresso favo-

rece o surgimento de funcionários com poderes superiores ao de muitos parlamentares. "Esses funcionários tem poderes demais", protesta o deputado Chico Vigilante (PT-DF). Um dos maiores críticos dos superpoderes de Sabino, Chico defende que um deputado seja eleito para dirigir a Câmara. "As casas legislativas são uma caixa preta", faz coro a deputada Regina Gordilho, (Prna-RJ).